

Seminário: «Le patrimoine, produit symbolique»

Universidade Jean Monnet
(Saint-Étienne), 24 e 25 de Novembro de 1997

O grupo de trabalho «Institutions du patrimoine» da Associação Internacional de Sociólogos de Língua Francesa (AISLF) promoveu as suas primeiras jornadas de trabalho desde que foi constituído em Évora, em Julho de 1996, por ocasião do XV Congresso Internacional da AISLF.

As jornadas de trabalho incidiram sobre 4 temáticas: «O tempo no centro da produção do património», «A produção de territórios», «A requalificação dos objectos» e «As práticas dos actores».

Os seminários realizados abordaram o património enquanto produto simbólico. A primeira temática foi consagrada ao elemento central da produção patrimonial: o tempo. As reflexões produzidas procuraram abordar o culto do património a partir do decurso temporal. A segunda temática reuniu preocupações relativas à (re)produção de territórios, tendo sido destacados os usos do património na produção das nações, dos países, das cidades, do tecido social e da identidade territorial. A terceira temática abordou a questão da (re)qualificação de objectos como dispositivo de produção de património: objectos funcionais que se tornam objectos artísticos, objectos de troca que se tornam objectos a conservar, objec-

tos com valor negativo que se transformam em objectos com valor positivo. A quarta temática incidiu sobre as práticas dos mediadores patrimoniais (especialistas, actores sociais que se relacionam com os objectos, visitantes, etc.) O objectivo desta temática foi o de realçar a dimensão simbólica das práticas destes mediadores.

Como resultado das jornadas o grupo de trabalho reteve alguns temas de pesquisa que urge aprofundar: o estatuto dos objectos, a transformação do seu valor, os procedimentos de patrimonialização, o lugar dos actores e do público face às novas formas de património, os públicos do património, as relações entre património-economia-desenvolvimento, as exposições enquanto dispositivos de valorização e a evolução das instituições e das políticas públicas. ■

Paulo Peixoto

Seminário: «Aveiro, memória e património – Que Futuro?
Centro de Cultura de Congressos
de Aveiro, 19 de Dezembro de 1997

Os Serviços de Cultura da Câmara Municipal de Aveiro promoveram a realização de um seminário que visou reflectir sobre a valorização da cultura e do património aveirenses.

As temáticas abordadas incidiram sobre «As muralhas da vila de Aveiro» (Manuel Barreira), «História das populações e história local» (Messias Trindade), «A cidade e a memória: os signos, as subtilidades, os olhares e o céu» (Pedro Silva), «Algumas notas sobre a arte em Aveiro» (Monsenhor João Gaspar), «Museu de Aveiro: memória e património» (Maria Isabel Pereira), «Aveiro — Território e poder. Uma difícil construção — ontem (século XVIII) e amanhã?» (Inês Amorim), «Sociedade, economia e empresa» (Manuel Rodrigues) e «Defesa do património aveirense» (Amaro Neves).

A iniciativa contou com a adesão da população, que encheu por completo a sala da biblioteca municipal onde a mesma decorreu. ■

Paulo Peixoto

O Futuro do Modelo Social Europeu na Era da Mundialização **Lisboa, 7 de Novembro de 1997**

Reunindo reputados especialistas de Portugal, França, Grã-Bretanha, Alemanha e Estados Unidos da América, a Fundação José Fontana e a Fundação Friedrich Ebert organizaram, no dia 7 de Novembro de 1997, um Seminário Internacional sobre o *modelo social europeu* na era da mundialização. No pequeno texto de apresentação do Seminário colocara-se, desde logo, a ênfase no facto de a oportunidade do evento não poder desligar-se das recentes iniciativas dos Governos inglês e francês na área das políticas de emprego e segurança social, pois tais iniciativas constituem um sinal de ressurgimento de um *modelo social europeu* julgado adormecido e convocam a nossa atenção para a importância de um novo reformismo, assente numa sociedade mais justa e participativa.

Depois das habituais recepção e distri-

buição de materiais, coube a Reinhard Naumann a abertura dos trabalhos. Este investigador da Fundação Friedrich Ebert procedeu a uma apresentação dos painéis de trabalho e formulou algumas das questões em torno do futuro do *modelo social europeu* que serviriam então de pano de fundo para as discussões subsequentes. Destacaram-se as seguintes questões: qual a configuração de uma política de responsabilidade partilhada entre a União Europeia e os Estados nacionais em matéria de defesa do *modelo social europeu*? Qual o espaço reservado, afinal, para a defesa dos direitos sociais? Qual o papel da União Económica e monetária neste contexto (de constrangimento ou de favorecimento do *modelo social europeu*)?

O primeiro painel — moderado pela deputada Maria Elisa Damião (Presidente da Comissão de Trabalho, Segurança Social e Família da Assembleia da República) — decorreu durante toda a manhã e funcionou como estruturante de todas as discussões posteriores. Intitulado *O Modelo Social Europeu e a Mundialização*, contou com a presença de Pierre Héritier (LASAIRE, Saint-Étienne) e Phillipe Schmitter (Instituto Universitário Europeu, Florença). O primeiro centrou a sua exposição na diversidade de situações que, no plano social, caracterizam a União Europeia, nas razões pelas quais o *modelo social europeu* está em crise e ainda nalgumas pistas para a acção que podem ser exploradas. O segundo reforçou a diversidade interna dos países enquanto factor de justificação da existência de «pouca» Europa Social, isto é, de poucos tratados lidando com questões sociais. Para P. Schmitter, a Europa, como «sistema social», só pode conseguir-se pela democratização, projecto que envolve a discussão e ponderação de questões como o alargamento da União Europeia a novos membros, o fortalecimento de ideias de cidadania europeia ou a criação de sistemas de interesses mais paritários.

O segundo painel, *Direitos Sociais, Políticas Nacionais e Integração Europeia* (moderado por R. Naumann), foi directamente dinamizado por Denis MacShane (Deputado do Parlamento britânico). Este político discutiu as diferentes prioridades que aparecem associadas aos «modelos» americano, asiático e europeu, tendo recuperado as assimetrias e diversidades que existem não só entre esses modelos como dentro de cada um. Salientou igualmente a necessidade de se promover uma maior organização das questões sociais no quadro dos países e mencionou algumas medidas do Partido Trabalhista no sentido da criação de empregos. Este segundo painel completou-se com os comentários de Fernando Ribeiro Mendes (Secretário de Estado da Segurança Social), que referiu a importância do papel da esquerda no sentido do equilíbrio entre pulsões libertárias dos indivíduos e respostas colectivas da sociedade. Tendo sempre presente a realidade portuguesa, este orador frisou que um olhar renovado sobre o *modelo social europeu* passa, em grande parte, por uma «economia política da responsabilidade social» que envolva um amplo conjunto de organizações da sociedade civil (Misericórdias, Mutualidades, IPSS, etc.).

Intitulado *A União Monetária e a Dimensão Social*, o terceiro painel (moderado por Isabel Salavisa, DINÂMIA/ISCTE) abordou a relação entre o «económico» e o «social», que é recorrentemente invocada quando se fala do «social». Contou com a participação directa de Thilo Sarrazin (TLG, Berlim) e de João Ferreira do Amaral (assessor da Presidência da República).

Enquanto «responsável» pelo plano de privatizações na Alemanha de Leste, Thilo Sarrazin abordou as implicações decorrentes do surgimento da moeda única para o exercício do poder político (a moeda como instrumento de política dos Estados e como substituto de uma política monetária). Por seu lado, Ferreira do Amaral, referiu-se ao carácter restritivo associado ao desenho da União Monetária, pois a criação de uma moeda única não permitirá falar numa união económica. A não criação de uma união económica resulta, segundo o mesmo, da não criação de uma união política, dando, por consequência lugar, a um espaço sem coerência política e económica.

Apesar de a discussão em torno da união monetária suscitada pelo terceiro painel ter sido reveladora de um menor optimismo quanto ao futuro do *modelo social europeu*, é muito pouco curial, como conclui Eduardo Lourenço no encerramento do Seminário, que os Estados Unidos da América sirvam de modelo para a construção de uma Europa forte no plano social.

À semelhança de outras iniciativas do género, este Seminário Internacional contou com um forte empenho dos seus participantes. Não obstante o habitual confronto entre discursos críticos (mais inclinados a legitimar práticas liberalizadoras) e o discursos menos pessimistas (socializantes), parece ter resultado deste Seminário a colectiva convicção de que, em lugar da demagogia fácil, se abra definitivamente um espaço para o realismo das propostas quanto ao futuro do *modelo social europeu*. ■

Hermes Augusto Costa